



**Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)**

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher
(Organizadores)

Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
P964	<p>Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 1 [recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-551-8 DOI 10.22533/at.ed.518192008</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre José. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela
Alexandre José Schumacher

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ATUAÇÃO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ALTERNATIVO NA ESCOLARIZAÇÃO DOS ESTUDANTES ENAWENE NAWE, JUÍNA, MATO GROSSO	
Cleyde Nunes Pereira de Carvalho Léia Teixeira Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.5181920081	
CAPÍTULO 2	13
A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA, TÉCNICA E TECNOLÓGICA (EBTTs) NO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ CAMPUS PALMAS	
Melania Dalla Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5181920082	
CAPÍTULO 3	26
A DIALÉTICA ENTRE CRIAÇÃO ARQUITETÔNICA E DESENHO PARAMÉTRICO: EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS	
Thiago Henrique Omena Arthur Hunold Lara Ana Judite Galbiatti Limongi França	
DOI 10.22533/at.ed.5181920083	
CAPÍTULO 4	37
A DIVERSIDADE SEXUAL NO LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS	
Gabriela Marinho Sponchiado Juliana Cerutti Ottonelli	
DOI 10.22533/at.ed.5181920084	
CAPÍTULO 5	49
A HISTÓRIA DA CIÊNCIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO DE EVOLUÇÃO COMO TEMÁTICA INVESTIGATIVA	
Malena Marília Martins Gatinho Kézia Ribeiro Gonzaga Frederico Passini Silva Vanessa Oliveira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.5181920085	
CAPÍTULO 6	62
A VISÃO DOS ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO DO NORTE DE MATO GROSSO SOBRE AS AULAS PRÁTICAS DE QUÍMICA	
Lucas Freza Bohrer Karina Janaina Jung Oalas Aparecido Moraes dos Santos Sílvia Cândida de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.5181920086	
CAPÍTULO 7	67
ALGUNS ASPECTOS NA BELÉM DE BELLE ÉPOQUE. LÁTEX E BELLE ÉPOQUE: UM CASAMENTO PERFEITO	
Antonia Eriane Silva Costa	
DOI 10.22533/at.ed.5181920087	

CAPÍTULO 8	71
ALICE MILLER E A PEDAGOGIA NEGRA	
Roseli Zanon Brasil	
Romualdo Dias	
DOI 10.22533/at.ed.5181920088	
CAPÍTULO 9	78
ALTERIDADES MBYA-GUARANI NO FACEBOOK – VIVÊNCIAS DE UMA PESQUISA	
Fátima Rosane Silveira Souza	
DOI 10.22533/at.ed.5181920089	
CAPÍTULO 10	90
ANIME COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA: UMA ANÁLISE DO ANIME HATARAKU SAIBOU	
Amanda Jéssica Silva Santos	
Érica Oliveira de Lima	
Victor Hugo de Oliveira Henrique	
DOI 10.22533/at.ed.51819200810	
CAPÍTULO 11	98
ARTE, UMA POSSIBILIDADE DE CONTEXTUALIZAÇÃO DE CONCEITOS POR MEIO DA CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO	
Sofia Maia Oliveira	
Vanessa Fernanda Lopes Lucas Soares	
DOI 10.22533/at.ed.51819200811	
CAPÍTULO 12	114
AULA PRÁTICA SOBRE DILUIÇÃO DO PERMANGANATO DE POTÁSSIO COMO UMA FERRAMENTA METODOLÓGICA DE APRENDIZAGEM	
Lucas Freza Bohrer	
Karina Janaina Jung	
Oalas Aparecido Morais dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.51819200812	
CAPÍTULO 13	122
CANTINHO DA LEITURA: CONSTRUINDO A COMPETÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA	
Diolina Alves dos Santos	
Célia Maria Alves	
Dorcas Faria de Oliveira	
Eleandra Negri Costa	
Maria do Socorro Gomes de Assis	
Raquel Pereira do Nascimento	
Vânia Horner de Almeida	
Voila Roberta Pereira Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.51819200813	

CAPÍTULO 14	130
DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA	
Maria Helena Ferrari Allan Vinícius Jacobi Érica Jaqueline Pizapio Teixeira Luciano Duarte Souza Juliana Negrello Rossarola Thiago Duarte Mielke	
DOI 10.22533/at.ed.51819200814	
CAPÍTULO 15	144
ENSINO DE GEOGRAFIA E AS GEOTECNOLOGIAS	
Luiza Carla da Silva Soares Assis Heibe Santana da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51819200815	
CAPÍTULO 16	155
ENSINO PRÁTICO E INTEGRADO DE ELETRÔNICA E PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES EMPREGANDO O MICROCONTROLADOR ARDUINO	
Carlos Yujiro Shigue Alexandre de Moraes Ricardi Eduarda Wiltiner Reis Santana Danilo Bellintani Vinicius de Souza Meirelles Sandra Giacomini Schneider	
DOI 10.22533/at.ed.51819200816	
CAPÍTULO 17	167
ESCOLA SARÃ: O TEMPO DA ESCOLA E OS TEMPOS DA VIDA	
Jucilene Oliveira de Moura Ozerina Victor de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.51819200817	
CAPÍTULO 18	181
“ESCOLA SEM PARTIDO”: REFLETINDO SOBRE UMA (IM)POSSÍVEL IMPLEMENTAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Rômulo Menegas	
DOI 10.22533/at.ed.51819200818	
CAPÍTULO 19	193
ESCOLAS MILITARES: ENFÂSE AO COLÉGIO POLICIAL MILITAR FELICIANO NUNES PIRES	
Paulo Ramos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.51819200819	
CAPÍTULO 20	202
ESGRAVA ESPERANÇA GARCIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA À APLICABILIDADE DA LEI 10.639/2003	
Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa Rosemar Eurico Coeng	
DOI 10.22533/at.ed.51819200820	

CAPÍTULO 21	216
ESTUDO DA RESISTÊNCIA À TRAÇÃO DE MISTURAS ASFÁLTICAS MORNAS MODIFICADAS COM ÓLEO VEGETAL	
Paulo Roberto Barreto Torres Wesley Rodrigues Menezes Eduardo Antônio Guimarães Tenório Jefferson Honório Gomes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51819200821	
CAPÍTULO 22	225
FORMAÇÃO CONTINUADA EM MATEMÁTICA PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE BOM RETIRO DO SUL/RS	
Malcus Cassiano Kuhn	
DOI 10.22533/at.ed.51819200822	
CAPÍTULO 23	242
GÊNEROS TEXTUAIS COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA JOSÉ MARIANO BENTO	
Marcia Rezende de Sousa Madalena Santana de Sales	
DOI 10.22533/at.ed.51819200823	
CAPÍTULO 24	251
GERENCIALISMO ESTATAL E A RELAÇÃO PÚBLICO-PRIVADA NA EDUCAÇÃO EM GOIÁS	
Maria Augusta Peixoto Mundim Luelí Nogueira Duarte e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.51819200824	
CAPÍTULO 25	267
HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: AS FONTES HISTÓRICAS E O FAZER PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA	
Francisca Neta Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.51819200825	
CAPÍTULO 26	280
IMPrensa e Educação: O Decreto nº 31 de 29 de Janeiro de 1890 para a Instrução Pública do Estado do Paraná	
André de Souza Santos Gizeli Fermino Coelho Maria Cristina Gomes Machado	
DOI 10.22533/at.ed.51819200826	
CAPÍTULO 27	292
Investigação da Eficácia da Ludicidade como Ferramenta Pedagógica para Ensino de Biologia Celular	
Bruna Menezes de Oliveira Michelly Rodrigues Pereira da Silva Amanda Karla Santiago Araújo Welton Aaron de Almeida Julianne Cybelly Santos Silva Emmanuel Viana Pontual Suzane Bezerra de França	
DOI 10.22533/at.ed.51819200827	

CAPÍTULO 28	301
JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: POSSÍVEIS CAMINHOS DA (DES)CONEXÃO	
Ivanês Zappaz	
DOI 10.22533/at.ed.51819200828	
CAPÍTULO 29	311
JUVENTUDES EM TRÂNSITOS: DIVERSIDADE DE GÊNEROS - EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.51819200829	
CAPÍTULO 30	322
MÉTODO DE REDUÇÃO AO MESMO COEFICIENTE NA RESOLUÇÃO DE SISTEMAS DE EQUAÇÃO DO PRIMEIRO GRAU: UM ESTUDO NA PROPOSTA DE JOSÉ ADELINO SERRASQUEIRO NO TRATADO DE ÁLGEBRA ELEMENTAR (1878)	
Enoque da Silva Reis	
Luiz Carlos Pais	
DOI 10.22533/at.ed.51819200830	
SOBRE OS ORGANIZADORES	333
ÍNDICE REMISSIVO	334

A DIVERSIDADE SEXUAL NO LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS

Gabriela Marinho Sponchiado

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Psicologia
Frederico Westphalen - RS

Juliana Cerutti Ottonelli

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI, Psicologia
Frederico Westphalen - RS

RESUMO: O livro didático é considerado um material importante no processo de ensino aprendizagem, assim como uma ferramenta pedagógica para a promoção dos princípios e diretrizes estabelecidos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Nesse sentido, a pesquisa propõe analisar como a temática da diversidade sexual é abordada nos livros do 8º ano do Ensino Fundamental, distribuídos nas escolas da rede municipal em uma cidade do Rio Grande do Sul. Através de pesquisa documental, e utilizando teorias pós-estruturalistas para interpretação dos resultados, o estudo discute os dados levantados a partir de três categorias de análise: o desejo, a relação sexual e a identidade. Nas três obras selecionadas, segundo o critério de inclusão, os autores apresentam visões divergentes. Um dos livros não faz menção à diversidade sexual; o outro aborda somente a homossexualidade; e a terceira obra traz a questão da diversidade sexual em suas diversas

formas, problematizando a heterossexualidade como um padrão imposto na/pela sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Diversidade sexual. Livro didático. Educação. Pós-Estruturalismo.

SEXUAL DIVERSITY IN THE SCIENCE TEXTBOOK

ABSTRACT: The textbook is considered an important material in the teaching-learning process, as well as a pedagogical tool for the promotion of the principles and guidelines established in the National Curricular Parameters (NCP). In this sense, the research proposes to analyze how the theme of sexual diversity is approached in the books of the 8th grade of Elementary School, distributed in the municipal schools in a city of Rio Grande do Sul. Through a documentary research, based on post-structuralist theories for interpretation of the results, the study discusses the data collected from three categories of analysis: desire, sexual intercourse and identity. In the three works selected, according to the inclusion criterion, the authors present divergent views. One book makes no mention of sexual diversity; the other approaches only homosexuality; and the third work brings the sexual diversity issue into its various forms, problematizing heterosexuality as a standard imposed on and by society.

KEYWORDS: Sexual diversity. Textbook. Education. Post-structuralism.

1 | INTRODUÇÃO

Nos últimos dois séculos, a sexualidade tornou-se objeto de estudo em diversas áreas, dando origem a um conjunto de saberes que foram produzidos social e historicamente. Porém, esses conhecimentos não são neutros e sim, atravessados por relações sociais que envolvem poder, ideologia, moral, cultura, economia, história e política. Portanto, o pressuposto de que existe uma sexualidade inata ao indivíduo ou que o sexo biológico define o gênero e, conseqüentemente, o desejo ao sexo oposto, são constatações que foram naturalizadas e legitimadas através de discursos reducionistas e biologizantes (ALTMANN, 2001; LOURO, 2001; WEEKS, 2000).

Ao tomar a sexualidade como uma dimensão da vida que se expressa desde o nascimento até a morte, o papel da escola se destaca como um importante espaço de intervenção na intenção de discutir, orientar e informar acerca às questões que envolvem a temática (BRASIL, 1997; CEPESC, 2009). Para avançar a uma visão crítica, é fundamental questionar a perspectiva de que todos vivem os corpos de maneira universal e compreender a sexualidade a partir da sua diversidade de representações (LOURO, 2000).

A inserção do conteúdo referente à Orientação Sexual no âmbito escolar é justificada a partir do crescimento de casos de gravidez na adolescência e os riscos de contágio por AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.). Como resposta, em 1995, o Ministério de Educação e Cultura (MEC) divulga a versão preliminar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), propondo que os temas sobre sexualidade sejam apresentados por meio da transversalidade de conteúdos. A versão oficial publicada em 1997 indica um avanço no que diz respeito à inclusão do tema sexualidade no currículo e nas escolas (BRASIL, 1997).

As diretrizes e princípios dos PCNs compreendem o trabalho de Orientação Sexual na escola como problematizar e instigar a crítica. Logo, o/a educador/a viabiliza e permite que o/a estudante possua os recursos necessários para escolher seu próprio caminho, sem ser direcionado a partir de padrões ou valores vigentes na cultura e sociedade (BRASIL, 1997).

Sendo assim, cabe ao educador/a e a escola promover no/a estudante reflexões sobre temas que colaboram na construção da sua sexualidade, sem impor condutas ou modelos de comportamento, promovendo a inclusão e cidadania dos/as envolvidos/as. Afinal, discutir a sexualidade e o corpo humano é construir a noção de respeito, amor próprio e com o/a próximo/a.

Para que tal objetivo seja atingido, as ferramentas utilizadas no processo de ensino e aprendizagem devem estar em consonância com as diretrizes propostas

pelos PCNs. Dessa forma, salienta-se a importância do livro didático como uma ferramenta que guia o trabalho do/a educador/a em sala de aula. Ao considerar que o processo de interpretação de um texto não é mecânico, quando os livros não demonstram todas as possibilidades de um comportamento, é provável que as mensagens que são dominantes prevaleçam e possam influenciar os/as leitores/as (FURLANI, 2008).

Por isso, é indispensável que os assuntos contidos nos livros didáticos discutam e apresentem a sexualidade de forma a não reforçar preconceitos e estereótipos que envolvem essa discussão. Entende-se a importância que o conteúdo esteja voltado a estimular o/a estudante a estabelecer uma relação de confiança e diálogo com o/a parceiro/a, livre de preconceitos, estereótipos e discriminação (CEPESC, 2009).

A forma como se trabalha a sexualidade e o corpo humano é um assunto que, cada vez mais, necessita de atenção e reflexão acerca das práticas pedagógicas que envolvem a temática. É importante que os/as educadores/as estejam abertos ao diálogo e ao esclarecimento das dúvidas que possam surgir em sala de aula, com o propósito de ensinar e transmitir a realidade da forma como ela realmente é: diversa e plural.

Entre todas as disciplinas, vale apontar o papel das ciências na abordagem da sexualidade e o corpo humano. No ensino do 8º ano, contemplam-se assuntos como os sistemas reprodutivos, a puberdade, o ciclo menstrual, uso de contraceptivos, DSTs, além das emoções e sentimentos que envolvem todo esse processo.

A partir da constituição de diferentes modos de viver, identidades e práticas, o livro didático pode ser compreendido como um artefato cultural “que legitima relações desiguais de poder, quanto um local de resistência e contestação dessas desigualdades” (FURLANI, 2008, p. 39). Os textos, assim como as ilustrações presentes nos livros produzem, reproduzem e veiculam “representações de gênero e sexuais, ‘ensina’ modo(s) de ‘ser masculino’ e de ‘ser feminino’, formas (ou a forma) de viver as sexualidades. Essas representações têm ‘efeitos de verdade’ e contribuem para produzir sujeitos” (FURLANI, 2008, p. 40), justificando a importância da presente pesquisa para o contexto educacional.

Nesse sentido, este estudo analisa como a diversidade sexual é apresentada pelos livros didáticos de ciências do 8º ano do Ensino Fundamental, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) nas escolas da rede municipal. As orientações encontradas nos PCNs, assim como as teorias pós-estruturalistas serviram como base para a discussão dos resultados obtidos.

2 | DESENVOLVIMENTO

A metodologia que baseou o desenvolvimento do presente estudo se deu através de pesquisa qualitativa de caráter descritivo, com delineamento documental,

por utilizar livros didáticos como objeto de investigação. O levantamento das obras atendeu ao critério de inclusão que definia a escolha por livros didáticos utilizados na disciplina de Ciências com o 8º ano do Ensino Fundamental em seis escolas municipais de uma cidade no noroeste do Rio Grande do Sul, onde foi possível reunir uma amostra de três livros didáticos: “Projeto Teláris” (GEWANDSZNAJDER, 2012), “Investigar e Conhecer” (LOPES, 2015) e “Ciências e Educação Ambiental” (CRUZ, 1995).

A escolha pela pesquisa pós-estruturalista em educação implica em um afastamento da modernidade, em razão de que as metodologias e os caminhos para a compreensão do objeto investigado sejam construídos no decorrer do processo. Dessa forma, não é possível estabelecer um modelo de pesquisa prévio, pois nada assegura que as constatações teóricas planejadas se concretizem (OGIBA, 1995; TEDESCHI, PAVAN, 2017; SILVA, 1995).

O pensamento pós-estruturalista abre espaço para (re)pensar nas formas variadas em que os sujeitos se encontram, sendo assim, é pertinente questionar a forma como o sistema educacional necessita que suas ferramentas de ensino e de construção dos sujeitos, possa de forma igual, abranger todos os tipos de sujeitos.

O ponto de partida para a discussão é a crítica ao pressuposto de que o caráter biológico é a única explicação para caracterizar a distinção entre os sexos. Para isso, é preciso resgatar a trajetória histórica de como se estabeleceu essa posição reducionista e repensar o caráter imutável do sexo. A filósofa Judith Butler (2016, p. 27) contribui que o sexo e o gênero “é um meio discursivo/cultural pelo qual na natureza sexuada ou um sexo natural é produzido e estabelecido como pré discursivo, anterior à cultura”.

Para pensar a educação contemporânea, é preciso tomar o pensamento moderno e a racionalidade científica como a tradição filosófica que moldou e molda até hoje a produção do conhecimento e as práticas educacionais. O ideal da busca pela razão como caminho para a emancipação tomou força com o iluminismo no século XVI e influenciou a educação em diversos aspectos (SILVA, 1995). Como forma de superar esses paradigmas, o pensamento pós estruturalista “recusa as grandes narrativas e rejeita a ideia de uma razão universal como fundamento para as questões humanas” (OGIBA, 1995, p. 232).

Para essa perspectiva, não se trata de tomar a linguagem como instrumento neutro de apreensão da realidade do mundo natural e social, mas compreender que é ela própria que constitui esse mundo. Assim, realidade, homens e mulheres são construídos/as pela e na linguagem, sendo esse o lugar no qual o sujeito se constitui e deixa marcas desse processo (OGIBA; SILVA, 1995).

O filósofo Jacques Derrida sustenta que a sociedade ocidental tem como base um sistema de pensamento que “atribui ao logos a origem da verdade em geral” (DERRIDA, 1973, p. 4). Por *logos*, o autor se refere à lógica e ao princípio da razão do qual decorrem os processos de subjetivação. Além da posição central da

logos, o autor faz uma crítica a valorização do falo e a supremacia do masculino em relação ao feminino, descrita no termo *falogocêntrico* como uma forma de significar as relações sociais (DERRIDA, 2004).

O binarismo é uma característica do pensamento moderno e ocidental onde são definidos pares opostos e lhe são atribuídos qualificações e sentidos que legitimam as relações de poder. Para Derrida (1995, p. 15) “o movimento da *différance*, na medida que produz os diferentes, na medida em que diferencia, é, pois, a raiz de todas as oposições de conceitos”, conforme expressa as dicotomias homem/mulher, heterossexual/homossexual, natureza/cultura, entre outras.

Dessa maneira, quando as possibilidades são reduzidas a um par de opostos, o significado de um só poderá ser compreendido a partir da sua diferença com o outro, operando em formato de hierarquia, em que uma posição será, necessariamente, superior. Para Butler (2016) a noção de que poder haver uma “verdade” no sexo é produzida por práticas reguladoras que geram identidades por via de uma matriz de normas de gênero coerentes.

A matriz de inteligibilidade é um termo desenvolvido pela autora para explicar os processos que pressupõe de que uma pessoa é um gênero ou o é em virtude de seu sexo, a mais notável delas sendo a do desejo sexual, presumindo uma “coerência ou unidade interna de qualquer dos gêneros” (BUTLER, 2016, p. 45).

Como efeito do processo de inteligibilidade, a normatização do desejo é traduzida no livro *Ciências e Educação Ambiental* (CRUZ, 1995) em um capítulo “Especial”¹ que discorre sobre a sexualidade. O texto “A descoberta do sexo” relata:

Nas garotas, os hormônios estrogênio e progesterona também estimulam o desejo pelo sexo oposto. Por isso, é a época dos primeiros namoros. E não poderia ser diferente. De nada adiantaria o corpo estar pronto para a reprodução se não houvesse interesse sexual entre rapazes e garotas (p. 173).

Ao apresentar a heterossexualidade como a única possibilidade de relacionamento, o autor contribui para que as práticas não heterossexuais sejam vistas como um desvio de comportamento ou anormais. A partir do trecho é possível refletir sobre a instituição “de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada que exige e regula o gênero” (BUTLER, 2016, p. 53).

Segundo Butler (2016) a heterossexualidade compulsória se fundamenta no alinhamento entre sexo, gênero e desejo e a partir da constatação de que o sexo biológico pressupõe a definição do objeto de desejo como sendo de sexo oposto. De outro modo, ao tratar sobre “Adolescência e sexualidade” no livro “Investigar e conhecer”, Sonia Lopes alerta que:

É comum sermos ensinados que a orientação sexual normal é a heterossexualidade, em que ocorre atração por pessoas de sexo biológico oposto. Porém, esse cenário desconsidera outras orientações sexuais como a homossexualidade, em que a atração é por pessoas do mesmo sexo, a bissexualidade, em que a atração é por pessoas de ambos os sexos, entre outras (LOPES, 2015, p. 247).

1. Situado no final do capítulo e em páginas de cor amarela, os textos abordam o desenvolvimento masculino e feminino na puberdade, a excitação, o orgasmo, como evitar a gravidez e DSTs.

No texto, a autora problematiza a concepção da heterossexualidade como o padrão e expressa que existe uma diversidade de orientações sexuais. A discussão da temática de sexualidade no currículo se intensificou nas últimas décadas, porém as manifestações da sexualidade ocorrem em todas as idades e “ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola” (BRASIL, 1997, p. 77).

Hooks (2000) explica que através da concepção do dualismo metafísico, é concebida a noção de que há uma separação entre o corpo e a mente e ao entrar na sala de aula, é necessário reprimir o corpo e utilizar a mente por inteiro. Entendendo a realidade dessa forma, o mundo da aprendizagem cria um ambiente onde o corpo tem de ser anulado ou deve passar despercebido.

Nessa perspectiva, Britzman (2000) observa alguns pontos na pedagogia convencional que impedem o desenvolvimento de um diálogo que seja estimulante e interessante ao tratar a sexualidade. Em geral, o ensino é configurado na estrutura de avaliação, portanto, a aula e as discussões são organizadas como a expressão de respostas certas ou erradas.

Através do trabalho de orientação sexual, cabe a escola “desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa” (BRASIL, 1997, p. 77). Entretanto, o modo autoritário de interação entre estudante e educador/a impossibilita o desenvolvimento da curiosidade, limitando o ensino à transmissão de informações. Britzman (2000) aponta que “sem a sexualidade não haveria qualquer curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender” (p. 86).

O trabalho de orientação sexual proposto nos PCNs considera a sexualidade nas suas dimensões biológica, psíquica e sociocultural. Para o documento, a sexualidade é entendida como uma expressão cultural que se manifesta desde o nascimento, sendo construída ao longo da vida, enquanto o sexo é a expressão de um conjunto de características anatômicas e funcionais (BRASIL, 1997).

O livro “Investigar e conhecer” (LOPES, 2015) ao mencionar as manifestações da sexualidade, Lopes (2015) enfatiza:

A sexualidade é um aspecto muito particular da vida de cada um, que envolve não apenas a prática sexual, mas o comportamento social e o modo como a pessoa lida com o próprio corpo. Assim, é fundamental entender que diversidades nas manifestações da sexualidade em cada um existem e devem ser respeitadas (p.247).

Essa visão compreende a sexualidade como uma dimensão que “envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais” (LOURO, 2000, p. 9). Assim como o corpo e o gênero, a sexualidade é uma construção social histórica reforçada por discursos atrelados às relações de saber e poder.

Altmann (2001) argumenta que a sexualidade é um tema de interesse público, configurando um negócio de estado. A conduta sexual da população diz respeito a

fatores como “à saúde pública, à natalidade, à vitalidade das descendências e da espécie, o que, por sua vez, está relacionado à produção de riquezas, à capacidade de trabalho, ao povoamento e à força de uma sociedade” (ALTMANN, 2001, p. 576).

Ao tratar sobre sexo no capítulo de “leitura especial” (p. 256) o livro “Projeto Teláris” considera que a relação sexual é mais do que um momento de prazer, sendo “uma maneira de se envolver com o companheiro, de mostrar afeto” (GEWANDSZNAJDER, 2012, p. 258). O livro não menciona a dimensão que ocupa a sexualidade durante toda a vida, deixando subentendido que esses impulsos só iniciam após a puberdade.

Como foi possível visualizar, a sexualidade não é uma questão fixa e imutável. Pelo contrário, desde que se tornou objeto de estudo ela vem sendo “descrita, compreendida, explicada, regulada, saneada, educada, normatizada, a partir das mais diversas perspectivas” (LOURO, 2001, p. 541).

A linguagem e a maneira como se constitui o discurso ocupa lugar central nessa disputa de poderes. Butler (2000) considera que o sexo não é uma condição estática definida por características biológicas, mas sim o que qualifica um corpo, o que torna alguém viável ou não. Por isso, a formação da identidade exige uma identificação com “o fantasma normativo do sexo” (BUTLER, 2000, p. 153).

O livro “Ciências e educação ambiental” (CRUZ, 1995) expõe:

De repente, o corpo do rapaz começa a se modificar [...] Todas essas mudanças físicas fazem parte do período da vida chamado puberdade e culminam com a capacidade de o rapaz gerar filhos, porque o seu corpo já produz e elimina espermatozoides [...] As mudanças que acontecem na adolescência indicam que o corpo está se preparando para a reprodução (CRUZ, 1995, p. 171-172).

Admitir a puberdade como uma fase em que o indivíduo está apto à reprodução ou como o início da vida adulta suscita algumas questões: será que todos/as os/as adolescentes vivem essas transformações do mesmo modo? Qual o lugar das diferenças nesse contexto?

O início da puberdade e da adolescência é considerado, por muitos autores, como um período importante do ciclo vital (ABRAMOVAY, ANDRADE, ESTEVES, 2007; FURLANI, 2008; SILVA, 1995). O livro “Investigar e conhecer” (LOPES, 2015) inicia o capítulo “Reprodução humana” (p. 246) com uma proposta de atividade intitulada “Voz e vez” em que o objetivo é discutir em grupo as mudanças que os alunos perceberam em seus corpos com a chegada da puberdade.

Lopes (2015) retrata esse momento como “um período de transição da infância para a vida adulta. Ela não tem um início e um fim determinados, mas, em geral, envolve diversas mudanças na vida das pessoas” (p. 248). No texto, a autora determina que existem diversas formas de se vivenciar a adolescência, diante disso, é possível entender que essa é uma experiência pessoal e não universal.

Em contraponto, Gewandsznajder (2012) traz uma visão mais generalista e descritiva desses fenômenos:

A puberdade é uma das etapas da vida em que o corpo passa por profundas transformações. É a fase em que o menino e a menina se tornam fisicamente capazes de gerar um filho, é a fase em que a criança começa a se tornar adulta. E, paralelamente às novidades que ocorrem no corpo há alterações nas emoções, no comportamento e na maneira de se relacionar com o mundo [...]. Nos meninos, a puberdade geralmente começa entre os 9 e os 14 anos [...] Nas meninas a puberdade começa, em geral, entre 8 e 13 anos (p. 256-257).

Ao descrever a puberdade como a fase em que a criança começa a se tornar adulta, o autor se refere a essa transição como puramente biológica, ignorando todos os aspectos emocionais envolvidos nessa construção. A realidade social demonstra que a juventude e as formas de vivenciá-la não são homogêneas. Pelo contrário, na sociedade são constituídos grupos distintos atravessados por dimensões de raça, classe, étnica, gênero, que possuem diferentes oportunidades, dificuldades e aptidões (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES, 2007).

Portanto, a adolescência é um período em que alteram-se a visão do mundo e de si mesmo. A identidade pode ser compreendida como um fato autônomo ou uma característica independente da personalidade (SILVA, 2000). Porém, ao analisar a identidade como uma construção social que tende a ser cristalizada, o conceito é ressignificado e passa a ser visto dentro da sua relação com a diferença.

A identidade somente adquire sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos de representação. Para existir, a identidade necessita de algo fora dela, pois ser isso é, também, não ser aquilo. A gramática permite simplificar e esconder uma cadeia oculta de negações sobre outras possibilidades. Marcada pela diferença, a identidade é sustentada pela exclusão e por seu caráter relacional (WOODWARD, 2000).

Se a identidade, assim como a diferença são produzidas discursivamente e simbolicamente, conseqüentemente, “elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas” (SILVA, 2000, p. 81). Onde existe a diferença, existe o poder, que traduz o desejo de grupos sociais na garantia de bens sociais, privilegiando uns em detrimento de outros.

Tanto a identidade como a diferença são produzidas por uma série de processos de diferenciação. A linguagem demarca fronteiras ao distinguir quem pertence e quem não pertence, quem está incluído e quem está excluído. O processo de classificação traduz o modo pelo qual o mundo é dividido, sendo que o grupo que possui o poder de atribuir valores, será favorecido (WOODWARD, 2000).

Questionar a identidade e a diferença implica problematizar a estrutura binária pela qual ela se organiza. A normalização das identidades implica em “eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas” (SILVA, 2000, p. 83). Mediante o exposto, a identidade atribuída como a normal obtém tal *status* que não é mais vista como uma identidade e sim como a única identidade possível, como o caso da

heteronormatividade.

Assim, a identidade só pode ser vista a partir da diferença, bem como o normal só existe quando comparado ao anormal. Nesse sentido, Deleuze (1988) sugere que “tirar a diferença de seu estado de maldição parece ser, assim, a tarefa da filosofia da diferença (p. 38)”. O encontro com o outro é sempre um problema, porém, inevitável. O outro é a outra cor, a sexualidade diferente, outra nacionalidade, outro corpo. Ainda assim, “o relâmpago, por exemplo, distingue-se do céu negro, mas deve acompanhá-lo, como se ele se distinguisse daquilo que não se distingue” (DELEUZE, 1988, p. 36).

Nesse impasse, Deleuze (1988) defende:

O movimento do nadador não se assemelha ao movimento da onda; e, precisamente, os movimentos do professor de natação, movimentos que reproduzimos na areia, nada são em relação aos movimentos da onda, movimentos que só aprendemos a prever quando os apreendemos praticamente como signos [...] Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem “faça comigo” e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo (p. 31).

A abordagem pedagógica mais comum adotada pelos/as educadores/as é transmitir a postura de tolerância e respeito com as diferenças. Contudo, essa prática consiste em “deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)” (SILVA, 2000, p. 99) considerando a diversidade como algo que existe e não como algo que foi produzido através de processos de diferenciação. Nesse caso, Silva (2000) visualiza que o resultado dessa estratégia “é a produção de novas dicotomias, como a do dominante tolerante e a do dominado tolerado, ou da identidade hegemônica, mas benevolente e da identidade subalterna, mas respeitada” (SILVA, 2000, p. 98).

Somente trazendo a identidade e a diferença para o centro da discussão e da estrutura curricular, será possível produzir uma mudança. Enfim, antes de respeitar ou admitir a existência da diferença, sugere-se uma política educacional que permita a concepção da identidade e da diferença como uma produção social, questionando o poder ao qual ela está associada.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro didático é um dos instrumentos de apoio utilizados no trabalho em sala de aula, todavia, não deve substituir ou prescindir a autonomia e a criatividade do/a educador/a que o adota. O uso desse material será adequado para direcionar possíveis questionamentos e debates que possam surgir no contexto da sala de aula, e não simplesmente transmitir informações e ensinamentos absolutos.

A análise dos livros didáticos utilizados na rede municipal apresentou três possibilidades de trabalhar o conteúdo referente à diversidade sexual. A obra

“Ciências e Educação Ambiental” (CRUZ, 1995), por ser anterior ao PCN que instituiu a obrigatoriedade do tema na disciplina de ciências, não faz menção a outras formas de se relacionar afetivamente além da heterossexual, reforçando a hegemonia da heteronormatividade.

Enquanto o livro de Gewandsznajder (2012) faz referência somente à homossexualidade, omitindo outras possibilidades quando se trata de afeto. Além disso, o texto está situado em um capítulo de “leitura especial” separado do restante do conteúdo, o que possibilita identificar as limitações no ensino da diversidade sexual, pois o tema é abordado de forma isolada e não através da transversalidade de conteúdos, como propõe as diretrizes dos PCNs.

Por outro lado, a obra de Lopes (2015) inicia o capítulo trazendo a discussão das mudanças que ocorrem na puberdade e adolescência, relacionando a uma problematização da heterossexualidade como inata e natural. A autora estimula a reflexão e uma visão crítica sobre as pluralidades que existem quando se trata de sexualidade, como as identidades de gênero e o preconceito que existe em torno dessas problemáticas.

Salienta-se que o papel do/a educador/a não é ser um agente da moral e da consciência, mas um participante coletivo do processo social que, cotidianamente, constrói e modifica a realidade da qual faz parte. Logo, silenciar as práticas e discursos relacionados à diversidade sexual pode ter um impacto negativo na educação de cada sujeito. Furlani (2008) afirma que “independente do nível de ensino, a discussão da sexualidade não deve se privar de mostrar o quanto a vida humana é normatizada, significada e hierarquizada” (p. 129). Questionar as formas de preconceito e exclusão social é o caminho para uma sociedade menos sexista, racista, misógina e homofóbica.

Em geral, cabe ao educador/a o papel fundamental na valorização da diversidade sexual, enquanto forma de promover a cidadania e a inclusão social. Nessa finalidade, existem materiais disponíveis que debatem os temas pertinentes à sexualidade e sua inserção no currículo, como uma forma de nortear as práticas pedagógicas e o ensino no âmbito escolar (CEPESC, 2009; BRASIL, 1997).

Vale acrescentar que a educação é o instrumento mais poderoso no combate à desigualdade, portanto, o conhecimento que é transmitido ao adolescente deve ser coerente com a realidade e livre de discriminação. Para isso, é importante incentivar uma mudança de postura além da tolerância e respeito para com as diferenças e sim para a promoção da inclusão na construção de uma sociedade mais democrática, justa e plural.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (Orgs) **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e

Diversidade; Unesco, 2007.

ALTMANN, H. **Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais**. Estudos Feministas, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/9637/8868>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais 5ª a 8ª séries**. Brasília, DF, 1997.

BRITZMAN, D. **O que é esta coisa chamada amor: Identidade homossexual, educação e currículo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, 1996. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71644/40637>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

_____. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 83-113.

BUTLER, J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-175.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 12. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2016.

CEPESC. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Brasília: SPM, 2009.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (Org). **Caminhos investigativos I**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

CRUZ, D. **Ciências e educação ambiental**. São Paulo: Ática, 1995.

DELEUZE, G. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **A Escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

DERRIDA, J.; ROUDINESCO, E. **De que amanhã: diálogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FURLANI, J. Gênero e Sexualidade nos materiais didáticos e paradidáticos. In: **Educação para igualdade de gênero – salto para o futuro**. Ano XVIII – Boletim 26 – Novembro de 2008, TV Escola.

GEWANDSZNAJDER, F. **Projeto Teláris: Ciências**. São Paulo: Ática, 2012.

HOOKS, B. Eros, erotismo e processo pedagógico. In: LOURO, G. L. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 113-125.

LOPES, S. **Investigar e conhecer: Ciências da natureza**. São Paulo: Saraiva, 2015.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 07-35.

_____. **Teoria Queer – Uma política pós identitária para a educação**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2001000200012>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

OGIBA, Sonia M. M. A produção do conhecimento didático e o pós-estruturalismo: potencialidades analíticas. In: VEIGA-NETO, Alfredo J. (org). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995, p. 231-244.

PEREIRA, T. V. **As contribuições do paradigma pós-estruturalista para analisar as políticas curriculares**. Espaço do Currículo, João Pessoa, v. 3, n. 1, 2010, p. 419-430. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/9102>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, T.T. O projeto educacional moderno: identidade terminal?. In: VEIGA-NETO, Alfredo J. (org). **Crítica pós-estruturalista e educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995, p. 245-260.

SILVA, T. T. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 73-102.

TEDESCHI, S. L.; PAVAN, R. **A produção do conhecimento em educação: o Pós-estruturalismo como potência epistemológica**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 12, n. 3, p. 772-787, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/9314>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-83.

WOODWARD, K. . In: SILVA, T. T. (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 07-72.

SOBRE OS ORGANIZADORES

KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipan, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 80, 85

Animes 90, 96

Arduino 155, 156, 157, 158, 159, 160, 164, 165

Arte 98, 99, 100, 101, 112, 113, 140, 159, 162, 236

Aulas práticas 62, 66

C

Computação Física 155, 164, 165

Conhecimento 62, 96, 132, 134, 137, 240, 320

D

Diversidade sexual 37

E

Economia de Belém 67

Educação STEAM 155

Elementos geométricos 98

Ensino-aprendizagem 13

Ensino de História 267, 278

Ensino de imunologia 90

Ensino Profissional e Tecnológico 13

Escolarização 1

Escola sem Partido 181, 182, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 264

Escravidão no Brasil 202

Escrita 122, 123, 202

Escrita epistolar 202

F

Formação de Professor 13

Fotografia 267, 269, 279

G

Gêneros textuais 242, 243, 250

Gerencialismo 251

H

História da Ciência 49, 50, 51, 56, 57, 59, 60

I

Imaginação e criatividade 98

Indígena 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11

L

Leitura 122, 123, 128, 129, 141, 242

Livro didático 37

M

Maus Tratos 71

P

Patrimônio 267, 278, 279

Políticas Públicas 181

Pós-Estruturalismo 37

Produção de texto 242

Programação 155

Psicanálise 71, 75, 76

R

Reflexão 114, 143

T

Trabalho Docente 181

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-551-8

